

A REFLEXÃO PRAGMATISTA SOBRE O CORPO: UMA LEITURA DE ‘CONSCIÊNCIA CORPORAL’, DE RICHARD SHUSTERMAN.

Carlos Herold Junior

Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Paraná, Brasil.

No Brasil Richard Shusterman já é um autor conhecido: o livro ‘Vivenciando a Arte’ (SHUSTERMAN, 1998) foi traduzido em 1998. Em 2012, a publicação de ‘Consciência Corporal’ (SHUSTERMAN, 2012) amplia as possibilidades das áreas de Educação e Educação Física conhecerem mais proximamente as reflexões de um autor que aproxima os estudos sobre o corpo e as práticas corporais do referencial pragmatista. Aproximação relevante, considerando a presença que a “virada pragmática” tem conquistado no cenário contemporâneo, não deixando intocadas as áreas acima mencionadas.

Shusterman evidencia a importância de se pensar o corpo, cultivando o que ele chama de “Consciência Corporal”. Se a secundarização dessa reflexão é uma das características marcantes do Ocidente, a existência de uma “teorização somática”(p.35) construída a partir do fim do século XIX e de grande desenvolvimento durante o século XX não é o suficiente: mesmo nela haveria pontos que deveriam receber maior atenção, visando ao estabelecimento do corpo como ponto nodal para reflexão filosófica.

Para isso, o professor de filosofia da *Florida Atlantic University*¹ e terapeuta do Método *Feldenkrais* redigiu os seis capítulos que compõem a obra. Neles, estuda-se o pensamento de filósofos que abordaram o corpo, destacando as potencialidades e limites desses pensadores ao focarem a corporeidade na experiência e na reflexão sobre essa experiência: Foucault, Merleau-Ponty, Simone de Beauvoir, Wittgenstein, William James e Dewey. A lista é importante e a postura do analista também: afinal, se hoje o corpo possui grande ubiquidade, Shusterman acautela seu livro de ser mais um “triste sintoma de um mal-estar cultural filosófico” (p.27), mostrando que a atenção “enorme”, “excessiva” (p.31) dada ao corpo, “não é, porém, o tipo de atenção que este livro realmente deseja promover” (p.32).

¹ Informações mais detalhadas sobre a formação e a trajetória profissional de Richard Shusterman estão disponíveis em <http://www.fau.edu/humanitieschair/bio.php>
Acesso em 13 Out.2013.

As análises objetivam fundamentar um “arcabouço disciplinar” (p.25), por ele denominado de “somaestética”. Buscando um “cultivo melhorativo de como experienciamos e usamos o corpo vivo (soma)”(p.26), Shusterman afirma o valor de “a consciência corporal, certamente, merecer ser cultivada, não apenas para aumentar a acuidade perceptual e para apreciar as satisfações dela advindas, mas, também, para não fugir à pedra fundamental da filosofia: ‘conhecer a si mesmo’”(p.27-28).

Pierre Hadot (2002) é criticado por ter secundarizado a importância do corpo nos “exercícios espirituais”, priorizando a “imponente sombra antissomática do idealismo platônico”(p.45). Ele teria negligenciado pistas importantes já existentes na Grécia clássica, em que um “equilíbrio saudável entre o corpo e a mente”(p.45) já se colocava como uma ambição, mas que foram postas de lado “pela inclinação idealista e pelo desprezo pelo cultivo somático geralmente exibidos pelos filósofos ocidentais”(p.15).

No capítulo 1 vemos que Foucault teria reunido em sua obra, e em si mesmo, a postura de um “genealogista analítico” (p.63), a de um “metodologista” pragmático, por oferecer meios de resistência contra “ideologias repressivas sorrateiramente implantadas em nosso corpo dócil”(p.63), assim como “destemidamente”, praticava “aquilo que pregava” (p.63). As críticas de Shusterman dirigem-se não ao “genealogista analítico”, mas ao fato de Foucault e sua defesa e prática do “sodomismo homossexual” (p.67), embora buscassem uma “dessexualização do prazer” (p.67), representarem “tendências típicas da abordagem da experiência somática pela cultura contemporânea” (p.66), marcadas pelo “entorpecimento que promove a busca do sensacionalismo” (p.37).

No capítulo segundo Shusterman observa em Merleau-Ponty uma determinada negligência ao corpo, mesmo com o amplo reconhecimento de o filósofo assumir o corpo como “fulcro de nossa capacidade expressiva, e, portanto, a base de toda a língua e de todo sentido” (p.91). É problematizada a resistência de Merleau-Ponty à “tematização das percepções somáticas” (p.92).

Embora avalie como importante o desafio aos “níveis superiores (ou representacionais) da percepção somática consciente” (p.101), Shusterman observa um resultado dessa importante opção: a criação de uma “polarização entre ‘experiência vivida’ e ‘representações abstratas’ ” (p.111), que, por sua vez, redundava no fato de o “mistério dos atos corporais irrefletidos” (p.126), ser “celebrado como fraqueza cognitiva capacitadora que se mostra superior às performances dirigidas pela reflexão representacional” (p.126).

No capítulo seguinte Shusterman empreende uma análise de Simone de Beauvoir. Nela, é visto que Beauvoir assumiu o corpo, ao mesmo tempo, como “situação instrumental, capacitadora, positiva de nosso apreender e ter

o mundo.” (p. 134), e como “mera carne, como imanência material inativa” (p.135). Beauvoir explicita a resultante patriarcal de fazer a mulher reconhecer-se na passividade da carne, como um “objeto fraco” (p.141) de um “sujeito desejante mais forte”(apud SHUSTERMAN, p. 141).

Todavia, essa assunção, longe de levá-la a desafiar “ao ideal feminino tradicional de carne pálida, macia e opulenta” (p.142) pela possibilidade de “rompimento de círculo vicioso” (p.142), a recusa desse caminho é que acaba sendo a opção de Beauvoir: ela enxergou no corpo e no seu cultivo, a marca da dependência que inviabilizaria “a verdadeira transcendência da consciência e da ação no mundo exigida pela verdadeira liberdade” (p.145) da mulher.

As análises do quarto capítulo buscam evidenciar a importância de Wittgenstein no reconhecimento do “papel dos sentimentos somaestéticos em áreas tão diversas quando a filosofia da mente, a estética, a ética e a política” (p.178). A expectativa é colaborar para se desfazer a ideia, comumente aceita, de que “sua filosofia celebrizou-se por refutar a centralidade dos sentimentos corporais para a explicação de conceitos chave da filosofia” (p.178).

Shusterman concorda com Wittgenstein e sua recusa de “reduzir nossas emoções a sentimentos corporais” (p.183). Para Shusterman, Wittgenstein evidencia que as emoções “envolvem todo um contexto de comportamento e um plano de fundo de jogos linguísticos” (p.184). Mesmo assim, insiste Shusterman, a importância de assumirmos a “autoconsciência somática” (p.207) com parcimônia, uma certa advertência de Wittgenstein, não deveria implicar a irrelevância do cultivo somático no aprimoramento de nosso pensamento e de nossos comportamentos éticos e políticos.

Nos capítulos 5 e 6, são abordados os autores com quem Shusterman tem mais proximidade teórica: William James e John Dewey, respectivamente. Essa proximidade não significa a anulação de uma postura crítica: James, apesar de assumir o corpo como o “centro da tempestade” (p.209), como o “núcleo de nosso senso de autoidentidade contínua” (p.235), “seguiu a tradição dominante de filósofos que enfatizam os riscos da introspecção somaestética para a vida prática” (p.255).

Com Dewey, todavia, vemos a filosofia “redimindo a reflexão somática” (p.273). A relevância de Dewey é mostrada por ele não cair no erro de querer buscar, ontologicamente, a unidade corpo-mente, mas por colocá-la no horizonte de um “funcionamento dinâmico e harmonioso que devemos continuamente tentar atingir” (p.281).

Se esse posicionamento gerou uma crítica a um “pragmatismo instrumentalmente racionalista em excesso” (p.316), Shusterman mostra que em *Art as experience*, explicitam-se, claramente, possibilidades de o corpo,

ao mesmo tempo, ser meio e fim da reflexão filosófica. Conclusão importante para Shusterman: o “desenvolvimento de maior inteligência” (p.316) sem negar posse e a importância de “sentimentos e de hábitos irrefletidos” (p.318) forma o “dilema prático fundamental” de, ao mesmo tempo, empreender a busca por esse desenvolvimento e “depender de sentimentos e hábitos irrefletidos” (p.318).

Porém, se alguns desses hábitos são “consideravelmente falhos e inexatos” (p.318), então acalenta-se a possibilidade de “disciplinas somáticas” (p.319) e de um “cultivo somaestético” (p.323) abordarem o corpo por meio dessa dialética meio/fim buscando um “cultivo melhorativo” (p.26) que, como se sabe, também era (é, defende Shusterman) a finalidade da filosofia.

A postura na condução das análises é cuidadosa, documentada, mas bastante ousada, igualmente: ousadia bem vinda, pois estimula o diálogo, convida a releituras de autores clássicos muito caros a quem se interessa pelo corpo e sua educação. A intenção de justificar práticas terapêuticas baseadas no corpo perpassa todo o livro. Em muitos momentos o autor cita sua experiência com várias dessas práticas.

Nesse registro, bem como na leitura que Shusterman faz dos seis autores avaliados, acredito que uma avaliação mais detida por parte de especialistas em cada um dos domínios seja necessária. Mas para quem se ocupa do corpo através da reflexão e da intervenção educacional, essa “postura terapêutica” tem, também, sua utilidade e merece uma atenção mais detida.

O que lemos em ‘Consciência Corporal’ é uma boa análise sobre a centralidade do corpo nos aspectos individuais, sociais e filosóficos. Com efeito, a ênfase do autor em justificar a atenção ao corpo como ato pleno de consequências psicológicas, políticas e estéticas é um passo estimulante a educadores de uma forma geral, e aos professores de Educação Física, especificamente.

Referências

HADOT, P. **Exercices spirituels et philosophie antique**. Paris: Albin Michel, 2002.

SHUSTERMAN, R. **Vivendo a arte: o pensamento pragmatista e a estética popular**. São Paulo: Editora 34, 1994.

SHUSTERMAN, R. **Consciência corporal**. São Paulo: Realizações Editora, 2012.

.....

Recebido em: 14/10/2013

Revisado em: 09/12/2013

Aprovado em: 18/12/2013

Endereço para correspondência:

carlosherold@hotmail.com

Carlos Herold Junior

Universidade Estadual de Maringá, Departamento de Educação Física/UEM.

Avenida Colombo 5790

Jardim Universitário

85015430 - Maringá, PR - Brasil